

# Preconceito racial em escolas públicas brasileiras: A questão racial na perspectiva das crianças.

GT 22- Sociologia da infância e da juventude

Teresa Cristina Furtado Matos (UFPB/Brail)<sup>1</sup>

Nady Jakelle Queiroz Dias (UFPB/Brasil)<sup>2</sup>

Susi Anny Veloso Resende (UFPB/Brasil)<sup>3</sup>

Lucas Neiva Peregrino (UFPB/Brasil)<sup>4</sup>

## Resumo:

Este artigo objetiva discutir a forma como as crianças refletem acerca das possibilidades sociais (emprego, renda, escolaridade, status) de brancos e não-brancos. Nesse processo reflete sobre suas interpretações (das crianças) acerca das relações raciais no Brasil. A pesquisa, intitulada “As cores da (i) mobilidade. Preconceito racial em escolas públicas: interpretando posições, expectativas e aspirações sociais na perspectiva de crianças e adolescentes”, foi realizada durante o período de 2011-2012, e ouviu alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental I de duas escolas públicas da cidade de João Pessoa – Paraíba/BRA.

**Palavras-chave:** preconceito racial; crianças; escolas públicas.

## Introdução

A questão racial no Brasil se apresenta em vários campos da vida social. Cruza dimensões etárias e se revela em planos diversos: econômico, político, cultural, bem como no cotidiano. Considerando essa ambiência, a pesquisa buscou compreender como crianças percebem e pensam as possibilidades sociais dos indivíduos. Buscamos entender de que modo o dado racial/cor influi na percepção dessas possibilidades. Dito de outro modo, as crianças/adolescentes identificam o dado raça/cor na percepção que têm das possibilidades sociais de pretos e brancos? Farta bibliografia sobre desigualdade racial no Brasil ampara essa leitura sobre possibilidades sociais racialmente desiguais, em especial coletâneas estatísticas como o Relatório Anual das Desigualdades Raciais (2009-2011).

A escola, como mais uma instituição da sociedade, não está alheia a realidade que a cerca, sendo influenciada pelas questões sociais existentes, entre elas a racial. Embora a pesquisa não tenha se proposto a discutir o ambiente escolar, foi a partir dele que estabelecemos contato com as crianças e buscamos entender de que modo percebem os diferentes grupos raciais. Estudar a perspectiva das crianças quanto a esta problemática é atentar para o modo como a produção cultural infantil se relaciona também com o universo adulto.

Assim, a pesquisa intitulada “As cores da (i) mobilidade. Preconceito racial em escolas públicas: interpretando posições, expectativas e aspirações sociais na perspectiva de crianças e adolescentes”, buscou identificar as percepções de crianças da primeira, segunda e terceira série do fundamental I em duas escolas públicas na cidade de João Pessoa - Paraíba. (explicar relação entre séries e idade).

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<sup>3</sup> Graduada em Ciências Sociais (UFPB).

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Buscamos entender como o preconceito e discriminação racial moldam as interpretações de crianças acerca das oportunidades sociais de brancos e não-brancos; o que foi feito através de diversos temas, envolvendo possibilidades de afeto, sociabilidades, representações de sucesso e fracasso, destacando-se: moradia, trabalho, escola, pessoas (professores, família, amigos). Quisemos entender, também, se as percepções das crianças variavam de acordo com a idade, a série e o sexo.

A criança em nossa pesquisa foi entendida como sujeito ativo, criativo e produtor de cultura e significados, vistos como importantes não apenas para o próprio mundo infantil, como também para o mundo adulto (PIRES, 2010). Neste trabalho levamos em consideração a criança enquanto sujeito – no sentido de que, assim como um adulto, ela tece significados sobre a realidade em que vive e sobre as relações sociais em que está inserida. As especificidades do mundo infantil foram observadas a partir da comunicação com as crianças, expressando-se no cuidado com as variadas formas de aproximação e nas escolhas das metodologias aplicadas na pesquisa.

Partilhamos o pressuposto de que os pesquisadores têm que levar em conta as especificidades de produção de sentidos do universo infantil, em seus processos de interação, sempre entendidas enquanto seres sociais dotados de agência histórica, social e cultural. Munimo-nos de cuidados éticos para não expor e não deixá-las inseguras com seus relatos de experiências vividas no cotidiano (KRAMER, 2002).

## **Metodologia**

Quanto à metodologia utilizada na pesquisa nos embasamos nos estudos de FAZZI (2006) e PIRES (2010). A utilização de estratégias e materiais metodológicas diversos se deu com o objetivo de conhecer e apreender o discurso das crianças para, desta forma, acessarmos a percepção delas sobre a questão racial e seu lugar na vida social.

Na trilha de outros trabalhos, entendemos que crianças e adultos têm diferentes pontos de vistas, e que se constituem a partir do lugar que ocupam no mundo (PEREIRA, SALGADO, SOUZA, 2009). Pensando nisto, foram desenvolvidas estratégias metodológicas capazes de dialogar com a especificidade desse ponto de vista. Assim foram confeccionados variados materiais lúdicos referenciados no universo de ludicidade infantil. Através destes materiais foi possível abordar diversos temas: condições de moradia, trabalho e escola para brancos e negros; sociabilidade, com relação aos professores, à família e aos amigos; e representações de sucesso e fracasso.

As estratégias metodológicas aplicadas tiveram como referência fundamental o trabalho de Fazzi (2006), que buscou analisar as formas de preconceito manifestados pelas crianças em seu âmbito escolar sobre a questão racial.

Na metodologia com as bonecas, realizada na sala de aula de cada série, foram formados grupos de alunos e depois foram entregues bonecas. A ideia era identificar as preferências pelas bonecas e as percepções que amparavam essas preferências.

Na metodologia de cartões foi usado um conjunto de cartões com recortes de revistas sobre temas variados. As imagens correspondiam as possibilidades de moradia, transporte, profissões, status e afetividade entre pessoas brancas e não-brancas. A aplicação foi realizada na hora do intervalo das crianças. A partir dos cartões as crianças formavam história e discutiam aspectos relativos aos cenários de vida de brancos e não-brancos. Aplicamos em seguida a metodologia dos cartazes, em que as crianças colavam figuras de diversas profissões de acordo com as gravuras, homem branco e não-branco, desenhadas nos cartazes. A medida que faziam a colagem íamos conversando sobre a escolha das profissões para cada um dos personagens dos cartazes.

É a partir do uso dessas estratégias que buscamos adequar os instrumentos metodológicos da pesquisa aos nossos sujeitos. Delgado (2005) ao falar dos espaços freqüentados pelas crianças, que não se limitam ao espaço educativo, mostra que as atividades baseadas em brincadeiras e outros elementos

lúdicos servem para se compreender a especificidade do universo infantil:

As crianças criam atividades baseadas no ato de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria dos grupos infantis. A constante atividade das crianças, as apropriações de elementos do meio sociocultural de origem só confirmam o que os/as sociólogos/as da infância enfatizam, principalmente, no que diz respeito à lógica peculiar das crianças, a qual é diferente da lógica dos adultos e que caracteriza suas culturas de pares (DELGADO, 2005).

Já com as estratégias metodológicas adequadas prontas foi primordial a atenção à interpretação das falas e ações das crianças, de modo a não serem analisada a partir da lógica dos adultos.

### **Mapeando os espaços**

Seguindo na perspectiva de que situar o espaço pesquisado e situar socialmente objeto da pesquisa, faz-se necessário descrever o ambiente aonde a pesquisa ocorreu, isto é, os dois colégios da rede municipal da Cidade de João Pessoa: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Santos Coelho Neto, localizada no bairro da Penha, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, localizada no bairro dos Bancários.

A primeira localiza-se em um bairro zona sul de João Pessoa, à margem da PB 008, rodovia estadual de acesso ao Litoral Sul – uma das principais áreas de turismo do litoral da Grande João Pessoa. Este bairro se identifica pela pequena quantidade de casas – um dos menores de João Pessoa –, mas que está em uma área de intermediação com grandes bairros de João Pessoa: Cabo Branco (e Altiplano) e Mangabeira. Vale ressaltar que, apesar da intermediação, a distância da Penha para os outros bairros é relativamente grande, uma vez que se trata da mesma cidade.

O bairro da Penha representa uma intermediação (aqui está um elemento importante) entre o urbano e o periurbano. Por isso os alunos da escola não pertencem apenas ao bairro da Penha, mas também a Cabo Branco, Altiplano do Cabo Branco, e outros bairros. Estes bairros nobres possuem pequenos agrupamentos de comunidades dos quais esses alunos são oriundos. Já a Penha possui a parte nobre na parte mais baixa, e próxima à praia, e a parte onde os moradores de classe baixa moram – mais próximo da rodovia. O fato do bairro se localizar na zona periurbana (demonstrando a pouca visibilidade para a população) e possuir poucos moradores de classe baixa (apenas uma pequena vila de pescadores e algumas casas próxima a rodovia) pode servir de explicação para o pouco investimento do município na escola, ao contrário da Escola Aruanda.

A Escola Municipal Antonio Santos Coelho Neto se localiza ao lado de uma Unidade de Programa de Saúde da Família (PSF) e em frente a um terreno aonde os moradores fizeram um campo de futebol. Vale ressaltar que o campo de futebol é utilizado como local aonde os alunos da escola desenvolvem atividades de educação física, pois o ginásio ainda não está concluído. A estrutura simples da escola destaca-se – negativamente – quando comparada com as novas escolas que tiveram suas obras concluídas nos últimos oito anos, como é o caso da Escola Aruanda.

Já a Escola Aruanda encontra-se em um bairro próximo da Universidade Federal e que está, desde os anos 90, em crescente expansão. Além disso, o bairro faz o elo entre a zona norte e a zona sul, o que o torna procurado por diferentes classes sociais. Caracteriza-se não só por ser um bairro de estudantes, mas também por ter sofrido uma “gentrificação” (processo de enobrecimento) nos últimos dez anos em virtude da especulação imobiliária e de outros fatores urbanísticos, como mudanças no Plano Diretor da cidade (abrindo possibilidades de grandes construções) e a grande quantidade de transporte público que passa pelo bairro.

É importante caracterizar os bairros para que se compreenda que as grandes diferenças entre as escolas são também reflexos dos investimentos feitos em cada bairro. Este ponto é importante, pois quando nós nos referíamos à Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Santos Coelho Neto utilizávamos apenas a expressão “Escola da Penha” – e não era só porque o nome da escola é grande, mas sim porque a precária estrutura da escola é característica do estereótipo do bairro da Penha como “esquecido” ou “fora” da cidade – ao contrário da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda que é vista como modelo de escola pública do município.

Ao contrário da escola da Penha, a escola dos Bancários possui uma estrutura nova, pois foi construída em 2010. Ocupando todo um quarteirão esta escola possui quatro blocos. Assim que passamos pela grade de entrada já podemos visualizar o espaço aberto que a escola possui. Logo depois da passarela temos a sala da secretaria, que possui uma grande janela para que se possa ver quem está entrando na escola. Dentro desta sala está a sala da direção. Este bloco central ainda possui algumas salas de aula. Já em um bloco lateral além das salas de aula temos ainda o auditório, local onde realizamos algumas das atividades com as crianças. Nos outros blocos se encontram algumas salas de aula, a sala de informática, a biblioteca e o refeitório.

Além de algumas comparações quanto a quantidade de alunos negros em uma escola e outra, quanto a estrutura, tipo de relacionamento que tivemos com o corpo docente, entre outras, podemos notar a diferença no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Este pode ser um parâmetro para situar a diferença entre as escolas. Enquanto a Escola da Penha teve como Ideb, em 2011 3.9, a Aruanda teve, no mesmo ano, 6.3 (Portal Ideb, 2011).

### **Perspectivas das crianças quanto a raça**

A partir da delimitação de nossos objetos de estudos partiremos agora para uma análise dos dados coletados. Foram feitas atividades com um total de seis turmas (três em cada colégio, tendo como foco as turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental I). Traremos aqui elementos que demonstram na concepção das crianças uma diferença racial entre elas, sendo esta diferença relacionada com uma diferença social que estigmatiza os negros quanto a sua condição financeira, sua estética, sua religião, sua moral e etc.

Através das atividades feitas, abordamos a percepção das crianças sobre a questão racial traduzindo em termos sociológicos o que se encontrávamos em campo. Entre os achados de campo encontram-se os seguintes aspectos:

- Presença**/domínio de categorias raciais/adscições raciais. Identificação da cor como uma diferença que tem um lugar social.
- Preferências, busca de proximidade ou de afastamento: classificações afetivas e estéticas. “Prefiro/gosto mais da boneca branca porque ela é mais bonita”. “Não quero ficar com essa boneca, ela é feia, veio da África (boneca negra)”. “não namoraria uma menina negra”.
- Sucesso e prestígio social: normalmente atribuído aos brancos. Trabalhos de maior prestígio social (maioria brancos), local de moradia (melhores -maioria branca, piores, maioria negra). Sucesso escolar (maioria branca).
- Relações de amizade afeto: preferência pelos brancos
- Tendência a suspeição, criminalização de negros: ‘moleques’, ‘bandidos’.
- Classificação racial como xingamento.

- Conhecimento da etiqueta racial brasileira. Crianças repreendendo outras crianças.

Dois deste achados de campo serão discutidos de modo mais pormenorizado nos próximos tópicos: i) risadas e xingamentos como forma de expressão do preconceito e ii) a relação entre cor e classe social.

### **Risadas e xingamentos como forma de expressão do preconceito**

A partir das atividades realizadas, as reações das crianças eram das mais diversas. Por não terem, muitas vezes, um discurso formado sobre a questão racial, percebemos, nas duas escolas, que as atitudes (risadas, gozações e xingamentos) eram elementos importantes que demonstravam a presença de classificações raciais indicativas de preconceito. Dessa forma, muitas crianças ao participarem das atividades, quando olhavam para os personagens negros e negras (sejam as bonecas e os bonecos, sejam nas imagens), sempre em sua maioria traziam falas relacionadas a classificações de cunho afetivo ou estético. Afirmações como: “Eu não namoraria com meninos negros”, “gosto mais da boneca branca porque ela é mais bonita”, eram algumas entre as mais variadas reações das crianças ao se depararem com personagens negros e negras.

Apelidos também eram direcionados de forma depreciativa quando as personagens não eram brancas. Algumas crianças, ao falar das personagens, diziam que os não-brancos eram ‘macumbeiros’, tinham ‘cabelo bombril’, ‘tinham cara preta’, entre outras definições depreciativas. Quanto às preferências estéticas ficou evidente que o fenótipo negro era visto como feio: cabelos crespos, cor da pele, formato do nariz e da boca eram para as crianças motivo de brincadeira e chacota.

Nilma Lino Gomes (2002) analisa a instituição escolar e o processo de formação de identidades sociais a partir de construção estética do indivíduo. O que vimos na pesquisa é que a estética, como modo de apreciação e afetividade, possui um claro recorte racista por parte das crianças, que são influenciadas não só pelo ambiente familiar, mas também pelo próprio ambiente escolar e meios de comunicação de massa. Os xingamentos, apelidos que expressam símbolos negativos e de inferioridade, deixando marcas de complexos na vida das crianças negras, segundo Gomes (2002): “A escola apresenta uma abertura para a vida social mais ampla”, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no meio dos amigos mais íntimos. As práticas cotidianas mostram as crianças negras que o status social não é determinado só pela questão do emprego, grau de escolaridade, renda mensal e sim pelas posições de classificação racial das pessoas.

### **Cor e classe social: entre possibilidades e impossibilidades**

Dentro da pesquisa obtivemos também informações quanto às formas que as crianças relacionavam cor, status e classe social. A partir da brincadeira com cartões, em que estavam apresentadas diversas profissões, diferentes meios de transporte, e diversas moradias, além de personagens brancas e negras, algumas falas e reações revelaram como o preconceito racial se vincula com a questão de classe. Ao pedirmos para os alunos elaborarem histórias com os materiais correspondendo as imagens entre si, a maioria dos que estavam participando sempre relacionavam as pessoas brancas às melhores condições de vida e ao melhor emprego. Ao contar uma história de uma família branca a aluna (G.negra – 3ºano) relata:

As famílias viviam de forma diferente, a família branca era rica e passavam o dia passeado no carro e iam sempre à praia, já a família pobre (a aluna fez cara de nojo) vivia o tempo todo trabalhando, e trabalham catando lixo.

Em seguida sua amiga, (E., negra e do 3º ano), relatou que “uma mulher negra de óculos de sol escuro, tinha roubado outra mulher branca” que estava em outro cartão.

Através dessas e outras falas ficavam evidente que as representações de sucesso e boas condições de moradia, trabalho reconhecido eram relacionados em sua maioria as pessoas brancas. O fracasso, a pobreza, a violência, criminalidade entre outras características eram relacionados aos indivíduos negros. O elemento de cor era para as crianças uma diferenciação de possibilidade social muito forte. Apesar de não possuírem um discurso formulado sobre o racismo, percebia-se nas brincadeiras, através dos xingamentos, de preferências estéticas e de suposições quanto às possibilidades sociais, que a diferença racial tem um lugar na percepção das crianças. Desta forma percebemos que o racismo tem suas raízes em uma estrutura maior (dentro e fora da escola) e desde os primeiros momentos de socialização do sujeito social (infância).

O lugar que o negro ocupa na sociedade é percebido pelas crianças da pesquisa de forma bastante evidente, o que pode ser identificado a partir de uma das brincadeiras. Uma turma do segundo ano, da Escola da Penha, participou da atividade de contar histórias através de cartões com diversos personagens (negros e brancos). As crianças escolheram um personagem negro para ser o “matador”. A seguir traremos o relato de um de nossos diários de campo:

João matador matou uma pessoa rica e depois disso não sabia mais o que fazer e fugiu de avião para Nova York. O avião caiu na mata e quando a polícia chegou no local do acidente prendeu o João. João então foi para a cadeia e passou 15 anos lá. João, segundo as crianças, antes de ser preso morava em uma favela e roubou uma casa de uma pessoa rica para morar.

Na continuação desta história as crianças inserem a realidade da sociedade racista em seu imaginário para construir cenas de violência com mulheres negras e de outras situações estereotipadas relacionadas à criminalidade, como é o caso do assalto de negros à brancos:

Com a continuação da história pelas crianças elas ainda acrescentaram que João e seus amigos -todos negros- tinham se juntado para também tirar outras pessoas da cadeia e para roubar dinheiro das casas. Depois disso as crianças, através dos personagens dos cartões, falaram que João estuprou mulheres negras e assaltou mulheres e homens brancos.

A grande maioria das crianças pesquisadas vive em comunidades periféricas da cidade que são associadas pela sociedade a situações de criminalidade. A partir deste relato percebemos como a construção do discurso na infância não possui um “filtro” que esconde as verdadeiras diferenças entre negros e brancos. Fazzi (2006) ao falar sobre a questão do “freio relativizador” coloca que:

“o discurso relativizador e o preconceito racial são componentes do processo de socialização das crianças, e ambos estão em processo de cristalização e de estabilização durante a infância. O discurso relativizador não tem, no entanto, força suficiente para impedir que o comportamento se desenvolva.” (Fazzi, 2006, p. 213-214)

Em vários momentos da pesquisa a fala das crianças demonstra os trânsitos entre universo infantil e mundo adulto, constituindo-se este em elemento importante tensionamento e modelo para classificações raciais.

## Conclusão

Os resultados da pesquisa indicam a **presença**/domínio de categorias raciais/adscções raciais por parte das crianças de todas as séries. Percebemos também que as crianças entendem a identificação da cor como uma diferença que tem um lugar social. Através das estratégias utilizadas ao longo do trabalho de campo nos deparamos com classificações estéticas depreciativas e classificações de classe que elaboram um lugar de subordinação para as populações negras, evidenciadas pelo modo como as crianças pensam as possibilidades sociais de homens e mulhres e crianças negras e de homens, mulheres e crianças brancas (em relação a educação, *status*, emprego, tipo de moradia, etc.).

Diante do exposto podemos entender que as crianças mesmo não possuindo o “filtro relativizador”, tão comum em nossa sociedade, têm as suas classificações e interpretações do cotidiano moldadas pelo racismo em todas as suas formas e suas consequências.

## Referências

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 28, abr. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S1413-24782005000100007.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 35, n. 125, maio 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742005000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S0100-15742005000200009.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial das crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 21, dez. 2002 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S1413-24782002000300004.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, ago. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S0102-46982010000200010.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 116, jul. 2002 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S0100-15742002000200003.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia?. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, dez. 2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

71832010000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S0104-71832010000200007.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Solange Jobim e. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 138, dez. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742009000300016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000300016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S0100-15742009000300016.

VALENTE, Ana Lúcia. Ação afirmativa, relações raciais e educação básica. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 28, abr. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 abr. 2011. doi: 10.1590/S1413-24782005000100006.

<http://www.portalideb.com.br/escola/80482-emeief-antonio-santos-coelho-neto/ideb>

<http://www.portalideb.com.br/escola/76826-emef-aruanda/ideb>